

G. R. S. Mead assim o espera. Philostratus, quase dois séculos após os acontecimentos, reconstitui aquilo que Damis dissera em terceira ou quarta mão.

Philostratus é acusado de ter acrescentado milagres a seu bel-prazer. O que parece certo, como escreve com muita justiça Mead, é que Apolonio foi às Índias com um objetivo definido e que de lá voltou com uma missão.

Às Índias ou além das Índias? Não podemos responder a esta pergunta no estágio atual dos nossos conhecimentos. Philostratus ignorava tudo a respeito da geografia das Índias e diz, de tempos em tempos, que Apolonio foi além das Índias, "ao fim do mundo".

Figura de retórica? Não o sabemos.

O que diz é que o centro dos conhecimentos, a central de energia que Apolonio visitou nas Índias era única no mundo em sua época. O próprio Apolonio escreveu:

"Lembro-me sempre dos meus Mestres e viajo pelo mundo ensinando aquilo que aprendi."

O ponto essencial deste ensinamento é que não se deve temer a morte: não vale a pena.

O ensinamento de Apolonio também insiste no fato de que é preciso ser sadio de espírito e a saúde do corpo virá, então, naturalmente. Foi isto o que descobriu a moderna medicina psicossomática.

Como todas as peças fora de série, Apolonio expõe problemas difíceis de resolver. Podemos localizar o centro que visitou? Como os Superiores desconhecidos deste centro ficaram sabendo da existência, na Grécia, de um rapaz excepcional? Como o convocaram? Qual a missão de que foi encarregado na Europa? E tantos outros problemas.

Devido a um paradoxo curioso, se Apolonio, contemporâneo do Cristo, pode ser tratado como um per-

sonagem histórico, Armand Robin, nosso contemporâneo, morto em 1961, deve ser tratado como um personagem lendário.

Pode parecer fácil fazer uma pesquisa a respeito de um contemporâneo que viveu e morreu na França de nossos dias. E, no entanto, as informações que obtenho sobre Armand Robin são tão contraditórias, até mesmo a respeito do seu aspecto físico, sem falar na sua maneira de pensar, que me vejo obrigado a apresentar a estória de Armand Robin como uma lenda contemporânea. Talvez o aparecimento deste livro faça surgir alguns testemunhos que permitirão ver as coisas um pouco mais claras.

Enquanto espero, eis aqui a estória de Armand Robin tal como me foi contada:

Nos anos 50, um jovem bretão vai para Paris. Revela um dom para as línguas prodigioso, inacreditável. Aprende vinte e seis idiomas, de uma maneira tão perfeita que é considerado como o maior poeta búlgaro e swahili do século XX. Ele próprio compôs maravilhosos poemas em francês. Estes foram publicados por Gallimard; tornou-se estranhamente impossível encontrá-los e os manuscritos desapareceram. Robin também manifesta dons parapsicológicos consideráveis: telepatia, clarividência, previsão do futuro. E, em 1961, no dia em que falhou a reunião de cúpula em Paris (lembramo-nos que naquela ocasião Krushev revelou a história do avião americano U2 e em seguida rompeu as negociações), numa Paris cheia de policiais, alguns agentes atiram-se sobre Robin e batem-lhe até a morte, e nem eles mesmos sabem por quê. Transportam-no para uma delegacia de polícia, onde ninguém percebe a sua agonia sobre o banco da sala de entrada. Morre.